

Conte o caso como foi

Cenatexto

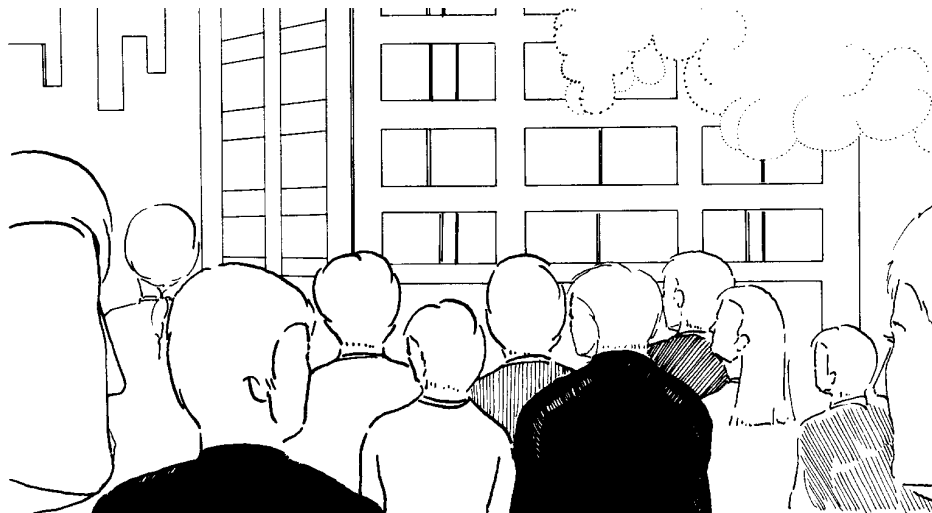
Você se lembra do rap apresentado pelos garotos da Santa Gertudes? Nele havia referência a um incêndio. Hoje você saberá de que fato eles falavam. Acompanhe.

A excitação em frente ao edifício Jequitinhonha é enorme. Moradores daquele e de prédios vizinhos conversam levantando hipóteses sobre a causa do incêndio, avaliando perdas, dando informações aos que chegam. Até a chegada do Corpo de Bombeiros, muitas verdades e mentiras continuam sendo ditas.

Guilherme e o síndico se impressionam ao ver o número de pessoas reunidas à frente do edifício. “Notícia ruim se espalha tão rápido quanto fogo.” – pensa seu Leandro, o síndico. E lá vem fumaça do apartamento 301.

Antes de o síndico começar a responder à enxurrada de perguntas que os curiosos lhe dirigem, a atenção de todos vai em direção ao local de onde vem o barulho da sirene. Guilherme tenta fazer com que as pessoas se afastem do local para facilitar as manobras dos bombeiros. Tentativa inútil, porque as pessoas se recusam a sair de perto do espetáculo. Com a experiência que Guilherme não tem, um dos bombeiros faz um isolamento para que o trabalho seja realizado de modo rápido e eficiente.

Feito o cordão de isolamento, os bombeiros sobem as escadas do prédio com seus equipamentos. Pedem a presença de duas testemunhas e arrombam a porta do apartamento 301. Em seguida, o fogo é apagado e a situação é controlada sem maiores problemas.



Terminado o serviço, os bombeiros fazem uma inspeção no apartamento a fim de descobrir a causa do incêndio. O ferro elétrico ligado é um dos culpados daquela história. O outro, na opinião do sargento Marcos, é a precária condição da parte elétrica do prédio. O síndico é chamado até a viatura, onde recebe uma bronca.

– Felizmente tudo correu bem, mas poderia ter sido diferente. Uma tragédia podia ter acontecido, porque os moradores desse prédio não têm extintores de incêndio em condições adequadas. O senhor como síndico deveria saber que os extintores não são enfeites, são equipamentos de segurança e devem sempre estar em boas condições.

– A culpa não é só minha. Várias vezes, durante a minha gestão, eu levantei a questão da recarga dos extintores, mas a maioria dos condôminos sempre acha um motivo para não gastar dinheiro com esse tipo de coisa – defende-se seu Leandro.

– Vou dar uma semana para que vocês regularizem toda a segurança do edifício e mandarei um fiscal vistoriar o prédio – ameaça o sargento.

– O sargento pode ficar descansado que amanhã mesmo marcarei uma reunião extraordinária para resolver essa questão. Dentro de uma semana tudo estará devidamente regularizado.

– O senhor sabia que é muito mais fácil evitar incêndios do que apagá-los?

– Não tenho dúvida quanto a isso, sargento. É mais barato.

– Não se preocupe. O Corpo de Bombeiros não cobra para apagar incêndio.

– Mas não é isso que eu quero dizer...

– Tudo bem! Veja lá o que o senhor vai dizer aos moradores.

Fim do movimento. Os moradores se dispersam aos poucos, sem muito o que contar. Tudo tinha corrido tão bem, sem vítimas, sem brigas. Apenas seu Leandro continua envolvido até um pouco mais tarde com aquela história. Ele vai até o computador e começa a redigir uma convocação que será distribuída a todos os moradores:

Condomínio do Edifício Jequitinhonha

Comunicação 09/1995

Prezados condôminos:

Diante do acontecido hoje com o princípio de incêndio no apartamento 301, convoco, em regime de urgência, todos os moradores para uma reunião extraordinária do condomínio, a realizar-se dia 28/04/95, às 20:30, na sala de reunião do prédio.

Na pauta da reunião estará em discussão a segurança do prédio e as providências a serem tomadas em atenção às exigências legais do Corpo de Bombeiros.

Contando com a presença de todos, agradeço antecipadamente.

Leandro Ribeiro Neto

Síndico do Edifício Jequitinhonha

Após escrever, reler e imprimir a convocação, o síndico consegue relaxar um pouco para dormir. Agora restava aguardar a reunião do dia seguinte.



Na abertura da Cenatexto é lembrado que moradores e vizinhos do edifício Jequitinhonha levantavam **hipóteses** sobre as causas do incêndio. Você sabe o que é *levantar uma hipótese*? Observe o verbete **hipótese** no dicionário:

hipótese. [Do gr. *hypóthesis*, pelo lat. *hypothese*.] s.f. **1.** Suposição, conjectura. **2.** Acontecimento incerto; eventualidade; caso. **3.** filos. Proposição que se admite de modo provisório como princípio do qual se pode deduzir um conjunto dado de proposições.

1. Sabendo que *hipótese* pode ser uma suposição, uma conjectura, explique a atitude dos moradores do edifício Jequitinhonha.

.....

2. A palavra **segurança** é essencial à Cenatexto. Escreva quais os significados de *segurança* nas frases abaixo:

a) O extintor de incêndio é uma **segurança** contra os incêndios.

.....

b) O síndico respondeu às perguntas do cabo com **segurança**.

.....

c) O prédio não tinha um **segurança** para controle da entrada.

.....

3. O síndico foi bombardeado com uma **enxurrada** de perguntas. Veja no dicionário o sentido da palavra *enxurrada*:

enxurrada. [Fem. substantivado do part. de *enxurrar*.] s.f. **1.** Volume de água que corre com grande força, resultante de grandes chuvas; águas selvagens, águaça, enxurro. **2.** Jorro de imundícies. **3.** fig. Grande quantidade; série.

Com base nessas informações, explique a expressão “*enxurrada de perguntas*”, que foi usada na Cenatexto.

.....

.....

.....

4. Dê o significado das seguintes expressões que aparecem na Cenatexto:

a) *manobra*:

b) *cordão de isolamento*:

c) *inspeção*:

5. O síndico, diante da exigência do Corpo de Bombeiros, convocou os **condôminos** para uma *reunião extraordinária* do *condomínio*. Para quem mora em apartamento, esse assunto é simples de entender; mas, para quem mora no campo ou sempre morou em casa, não é tão simples assim. Consultando o dicionário, dê o significado das seguintes expressões:

a) *condomínio*:

c) *condômino*:

d) *reunião extraordinária*:

A revolução dos bichos

– Camaradas, já ouvistes, por certo, algo a respeito do estranho sonho que tive a noite passada. Entretanto, falarei do sonho mais tarde. Antes, tenho outras coisas a dizer. Sei, camaradas, que não estarei convosco por muito tempo e antes de morrer considero uma obrigação transmitir-vos o que tenho aprendido sobre o mundo. Já vivi bastante e muito tenho refletido na solidão da minha pocilga. Creio poder afirmar que compreendo a natureza da vida sobre a terra, tão bem quanto qualquer outro animal vivente. É sobre isso que desejo falar-vos.

Então, camaradas, qual é a natureza da nossa vida? Enfrentemos a realidade: nossa vida é miserável, trabalhosa e curta. Nascemos, recebemos o mínimo de alimento necessário para continuar respirando e os que podem trabalhar são forçados a fazê-lo até a última parcela de suas forças; no instante em que nossa utilidade acaba, trucidam-nos com hedionda crueldade. Nenhum animal, na Inglaterra, sabe o que é a felicidade ou lazer, após completar um ano de vida. **Nenhum animal, na Inglaterra, é livre. A vida de um animal é feita de miséria e escravidão: essa é a verdade nua e crua.**

Será isso, apenas, a ordem natural das coisas? Será esta nossa terra tão pobre que não ofereça condições de vida decente aos seus habitantes? Não, camaradas, mil vezes não! O solo da Inglaterra é fértil, o clima é bom, ela pode oferecer alimentos em abundância a um número de animais muitíssimo maior do que o existente. Só esta nossa fazenda comportaria uma dúzia de cavalos, umas vinte vacas, centenas de ovelhas – vivendo todos num conforto e com uma dignidade que, agora, estão além de nossa imaginação. Por que, então, permanecemos nesta miséria? Porque quase todo o produto do nosso esforço nos é roubado pelos seres humanos. Eis aí, camaradas, a resposta a todos os nossos problemas. Resume-se em uma só palavra - Homem. O Homem é o nosso verdadeiro e único inimigo. retire-se da cena o Homem e a causa principal da fome e da sobrecarga de trabalho desaparecerá para sempre.

O Homem é a única criatura que consome sem produzir. Não dá leite, não põe ovos, é fraco demais para puxar o arado, não corre o suficiente para alcançar uma lebre. Mesmo assim, é o senhor de todos os animais. Põe-nos a trabalhar, dá-nos de volta o mínimo para evitar a inanição e fica com o restante. (...)

Não está, pois, claro como água, camaradas, que todos os males de nossa existência têm origem na tirania dos seres humanos? Basta que nos livremos do Homem para que o produto de nosso trabalho seja somente nosso. Praticamente, da noite para o dia, poderíamos nos tornar ricos e livres. Que fazer, então? Trabalhar dia e noite, de corpo e alma, para a derrubada do gênero humano. Esta é a mensagem que eu vos trago, camaradas: Revolução! Não sei quando sairá esta Revolução, pode ser daqui a uma semana, ou daqui a um século, mas uma coisa eu sei, tão certo quanto o ter eu palha sob meus pés: mais cedo ou mais tarde, justiça será feita.

Fonte: George Orwell, **A revolução dos bichos**. Porto Alegre, Editora Globo, 5ª edição, 1977, págs. 4-7.

Depois desse discurso inflamado, o porco Major contou que tinha sonhado com uma linda canção revolucionária que ele ouvira na infância e havia esquecido completamente. Se você quer saber mais sobre essa revolução dos animais, leia o livro e veja como acabou a república dos animais revolucionários.